

Redacção, Administração e Proprietária
CASA DO GAIATO-PAÇO DE SOUSA - Telef. 5 Cete

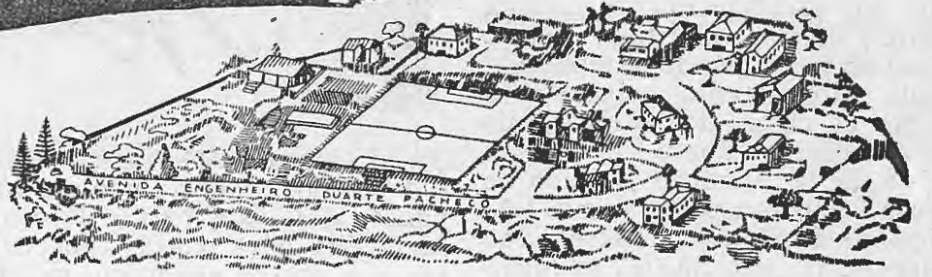
Director e Editor
PADRE AMÉRICO

Composto e Impresso na
TIPOGRAFIA DA CASA DO GAIATO-PAÇO DE SOUSA

Vales de Correio para CETE



O Gaiato



Visado pela
Comissão de Censura

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO VIII N.º—189
Preço 1\$00

Casas para o povo morar

SALVO melhor opinião, eu tenho que a falta de abrigos para o homem, é um problema eminentemente cristão. É impossível conservar a fé e a pureza de costumes em casas de habitação aonde, além de tudo o mais, falta o espaço. Um dos nossos rapazes, que se encontra empregado e é, felizmente, o braço direito de uma família numerosa; esse rapaz, digo, costuma vir a Paço de Sousa fazer o fim de semana. Hoje de manhã, não se teve que não entrasse brancamente pelo meu quarto dentro, a dizer da sua alegria por ter dormido bem e a revelar que em sua casa dormem três mais ele na mesma enxerga. Não temos espaço, disse. Um outro rapaz que foi e ainda é nosso, encontra-se colocado e é hoje amparo da sua mãe e de uma irmã menor. A casa aonde habitam tem as medidas e a configuração da capoeira aonde guardas as tuas galinhas. Ele vem aqui vezes a miúdo. Ele reconhece o perigo e a indecência. Andamos a tratar do caso, sim; mas ele há na nossa Pátria milhares e milhares e milhares de casos idênticos, tão urgentes como este e infelizmente ignorados. Sim, torno a dizer. É impossível conservar a fé e a pureza de costumes, sem casas para morar.

O Evangelho é uma doutrina tão subida que um homem sem esperanças dela é incapaz de a escutar muito menos praticar. Sobretudo, quando esse homem, quase desesperado, passa rente à porta de felizes, segundo o mundo, e bem instalados. Os homens a quem nesta vida nada falta, podem, sim, fazer discursos; mas a massa enorme dos que não têm, não acreditam. Só pela humil lade. Só pela inquietação de possuir. Só por um desejo sincero e eficaz de remediar. Só, finalmente, por uma identificação profunda com os que não podem. Doutra maneira, por outros pro-

cessos, não convence nos nem vencemos. A falta de abrigos para o homem é um problema eminentemente cristão.

Mais. Nós estamos em frente do chamado problema de excesso de população. As estatísticas são claras. E eu acredito nos números. Pois bem. Vamos raciocinar. Um raciocínio simples e inteligente segundo as normas do Senhor. Ele é o Mestre. Ora assim como no seio de uma família cristã, à medida que ela vai crescendo, os pais vão pensando na maneira de alargar a casa; assim também nós, membros que somos de Uma Família, ao sabermos que há gente a mais, procuremos instalações adequadas. Se assim não o fazemos, aderimos implicitamente ao Birth Controle dos americanos e outras doutrinas fáceis de filósofos contemporâneos.

Campanha dos cinquenta mil

OS senhores querem saber quantas assinaturas já vieram, desde que a campanha saiu para a rua; querem saber? Pois eu digo: a passar de duas mil!

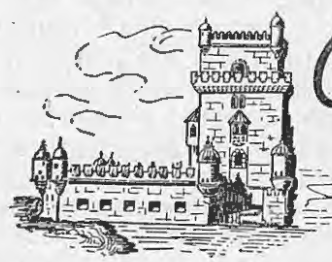
E querem saber outra notícia alegre? Querem? Pois eu também digo: a maioria paga adiantadamente.

E já agora que estamos em maré de boas notícias, aí vai mais esta: os pedidos continuam a ser feitos directamente aos Rapazes da Administração, em cartas de espuma e de vigor. Eu, a minha ilustre pessoa, está no lugar que lhe pertence a ver ao espelho as suas rugas e cabelos brancos. Lindas vistas!

O que eu pretendo é transmitir.

Transmitir em vida, para morrer com a certeza de continuidade de acção.

Vamos prós cinquenta mil, sim senhor.



Aqui, LISBOA!

O Júlio quis pôr em relevo esta secção, estampando aqui a Torre de Belém. O que eu digo não merece as honras de candelabro, mas sim o que os outros fazem. Se me fosse possível havia hoje de colocar bem no alto da Torre, aquele Rapaz que se lembrou desta Casa com o donativo de trinta contos. Contemplado inesperadamente com uma herança enorme, ele soube lembrar-se dos Pobres como outros se lembraram dele. Desde 1947 que não recebíamos um donativo desta categoria, nem agora o receberíamos, se ele tivesse logoperdido o equilíbrio nos casinos, como a outros tem sucedido.

Damos graças a Deus, por ele e por nós.

Tudo merecem estes rapazes das nossas casas, que são capazes de grandes sacrifícios. Acabam de chegar a casa, quatro deles, que quiseram ir a Fátima de bicicleta. São trezentos e tal quilómetros que calcurearam em poucas horas, para poderem, por momentos, rezar junto da Mãe de Deus pelos nossos Beneficentes.

Formosos donativos são também os chegados do Brasil e da África. Vieram umas poucas de malas com açúcar, roupas, calçado, brinquedos, etc.

O medo das Alfândegas tem impedido que um mundo de coisas embarque para cá. Mas os tempos agora vão melhores.

O Director da Alfândega quer ver com os seus próprios olhos, não como funcionário, mas como Amigo das crianças, a beleza do que nas caixas vinha. Alegrou-se com tudo e maior seria a sua alegria, se assistisse aqui à chegada e distribuição do conteúdo das malas.

No Patriarcado alguém depositou mil; outro tanto deixou aqui um visitante nas mãos do cicero e, nas minhas, mais outra visitante deixou igual quantia para os estudantes. E uma mãe que sente as mesmas dificuldades e alegrias com os seus filhos estudantes, que nós sentimos com os nossos rapazes. O Chico das Pombas, fê-la chorar enternecidamente.

No Montepio Geral, vai caindo também chuva de toda a espécie. Umaz vezes miudinha, outras

vezes mais volumosa, e sempre benéfica.

Mais 500\$ para a Conferencia dos Rapazes por intermédio do Snr. Padre Américo. Assim alentados, eles sentem-se com coragem para dar início a uma casa para pobres. Andamos em negociações com o terreno.

Mais 200 dos pequenos alunos da Escola de Algés; 20 da Carvoeira, 20 da Sapataria; 100 em carta, outro tanto duma "Figueirense" para a tuberculosa das tocas e mais cem para outras tocas. Quem desta se lembrou, fique sabendo que os deixei na incomensurável Curra.eira, nas mãos dum pobre tuberculoso, com dias contados, tendo ao lado um filhinho de dois meses a respirar o mesmo ádito. A forgonete tem ido por mobílias, roupas e livros.

Precisava de revistas sãs e instrutivas para doentes dos sanatórios.

A igreja do Coração de Jesus não ficou atrás das irmãs. Como sempre tem acontecido, dentro a assembleia surgem almas doridas a desabafar o seu calvário e a procurar o alívio no muito que dão. Desta vez era uma mãe de família, com o marido e uma filha doentes, e individada, que mesmo assim ultrapassou, em generosidade, a maioria dos restantes ouvintes. O total foi de 8.340\$.

De um bom amigo do Tojal, veio uma vitelinha que é o brinquedo dos batatas e dos filhos de boas famílias lisboetas que nos visitam. Mais seis cabeças de sufno, oferta das Autoridades de Loures.

Muitos embrulhos de roupas, em São Domingos, no Montepio Geral e pelo Correio; 200 para os Pobres do Barredo, de Coimbra e das Furnas; 230 provenientes da diferença de contas e 347 pelo mesmo motivo; 20 para os pobres da Conferencia; 100 do aumento de ordenado e "pelo bem que a Obra tem feito à minha alma, e 50 para os pobres em cumprimento duma promessa por um filho querido, e 20 de outra promessa.

Empregados da Vacuum e da Nestlé continuam a des-afiar os tempos. A última prestação da Vacuum era a 47.^a Senhor Jonet, mande o mais necessitado.

P.º Adriano

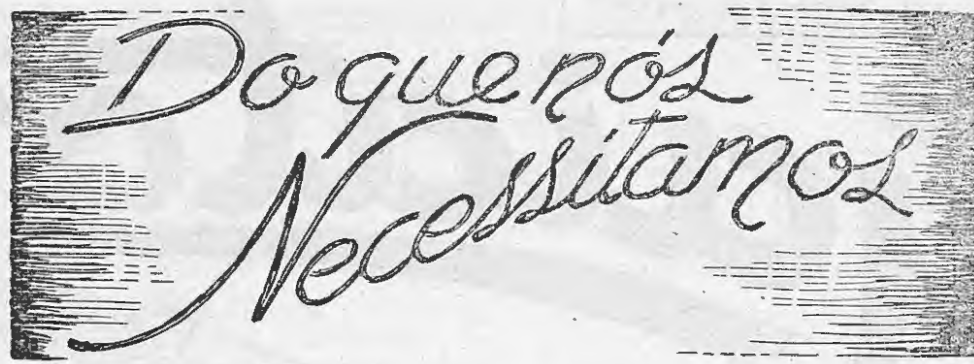
AGORA

A nota de maior ternura do *Agora* de hoje, está na *Senhora dos Pobres*. Senhora dos Pobres é a doce designação que o Licínio dá a uma Senhora do Porto que costuma ir com ele ao Barredo. Ela tem um estabelecimento na Rua Santa Catarina. E é tudo quanto eu sei. Esta Senhora feliz, tem comprado ultimamente coisas para munir as casas dos pobres, que vai entregar no nosso Lar do Porto; eu, de lá, conduzo a Paço de Sousa. São roupas de cama. São loiças de barro. São talheres. São colheres de pau. São as pequeninas riquezas que o pobre aprecia e das quais, por penúria, se vê privado. Eu quero muito a esta *Senhora dos Pobres*. O seu título de Senhora está, mesmo, no amor que lhes consagra. Amor eficaz. É ela quem escolhe. É ela quem compra. É ela quem medita na necessidade e na utilidade dos objectos. É feliz.

Um visitante rapou de uma nota de mil e disse que era para uma pedra. Vai aqui um vicentino a dizer que a falta de casas é o maior problema dos pobres. E quer dar uma telha; 20\$00. Segue-se um outro caso cheio de humanidade: *Estou em vésperas de ser mãe; meu marido desempregado e sem casa. Tenho pedido a Deus para a ter quando vier o meu filhinho*. E tira da sua pobreza 70\$00. Quem pode comentar?! Vai a Aurora de Lisboa com 50\$00. Um senhor do Porto encorpora-se com 400\$00. Vai ao pé alguém com 25 deles. De Vouzela vieram 75\$00. E de Guimarães 20\$. E da Cova da Iria dois contos e quinhentos. E de Satão vai um vidro; 20\$00. Vila Real fala com 50\$00. De Silves vieram pedras; 250\$00 delas. Mais uma pedra de um Noelista, 100\$00. E 20 deles. No coice vão doze contos, uma casa inteira, com vidros e pedras, e telhas e madeira e tudo. Foi um senhor que mora no Porto. Quando lhe falei, ele foi buscar 10 contos e eu disse que não. São doze. E este senhor que me ia dar os 10 como quem brincava, foi bu car mai-2 a brincar. Este senhor é um homem completo; tem que dar e tem vontade de dar.

Ficamos hoje em cinquenta contos redondos. Temos para 4 casas. Já estão 6 delas com telha. No próximo número espero inserir fotografias não para que acreditem; eu sei que todos acreditam. Eu chamo, até, um milagre de confiança, isto de me entregarem nas ruas, dúzias de contos para construir casas, sem antes me perguntarem pela planta nem quererem saber de como e aonde elas vão ser construídas. Sim, não é para que acreditem que vamos publicar fotografias; é para que vejam. Vamos então permutar. Eu gosto do negócio da permuta; não entra a moeda. A moeda é um perigo. Então quê? Confiança por confiança. Tu depositas a confiança em mim. Eu deposito plena confiança em ti, e desta sorte, por este caminho, vamos todos aliviar penas dos nossos irmãos.

P. S.—Falta-me dizer que está desde já aberta a inscrição para uma dúzia de lios, roupas e colchoaria; e que a estação de Cete ti ta três quilómetros da Ca da Gaia; e que o serviço da C. P. encarrega-se de receber e de entregar; e que, finalmente, a darmos as coisas demos, também, as camas. — Ficamos em 50.000\$0



Mais uma de Palmela que envia 500\$00. A carta não diz mais nada. Mais 50\$ para o Barredo. Mais 50\$ para pobres tuberculosos. Os nossos vicentinos do Porto andam a ver se conseguem um leito em um Sanatório para um pequenino de 8 anos, já tuberculoso, pois dorme na mesma cama com seu pai, tuberculoso. Mais 100\$00 de Figueiró dos Vinhos. Mais um fato usado de Tortozendo. Mais 500\$. Mais 80\$00 para as conferencias e para o Barredo. Mais do Porto 50\$00 pelos favores que Deus me vai concedendo. Mais idem da primeira semana de ordenado dum meu filho; com esmolas tão altas pode-se fazer muito. Mais 20\$ de Pedrogam de uma que fica com as lágrimas nos olhos por não poder dar mais. Não tenha medo. As lágrimas é que são. As lágrimas é que valem. Mais 50\$ de Cantanhede pelo vigéssimo quinto aniversário do nosso casamento. Não há esmolas sem dedicatória. Obra da Rua quanto te não quero eu!

Mais do Porto 50\$00 por uma graça que me foi concedida por intermédio do nosso Santo Padre Cruz. Mais 20\$00 e um lençol enxoval de noiva, tirado ao meu.

Mas isto cansa isto esgota! Senhor de Misericórdia; quem é que semeia o joio em searas tão prometedoras! Mais roupas usadas de uma mãe de 4 filhos.

A B., digo que se recebeu tudo. Aqui chega tudo. Mais um lençol de linho fiado por minha avó. Ainda estamos para saber se a Humanidade é hoje mais feliz com as máquinas do que dantes com a roca! Mais roupas dos meus filhos. Mais peugas. Mais oitenta e cudos. Mais 250\$00. Mais de Silves 600\$ dentro duma carta formosa. Mais de Sá da Bandeira roupas usadas. Mais 20\$ Mais 100\$. Mais 50\$00 de Espinho.

Queima das fitas

Foi no dia 16 de Maio que cinquenta dos nossos rapazes foram à cidade do Porto e na companhia de outros tantos Estudantes, fizeram o dia de Beneficência, integrado no programa das suas festas. Não deu com a palavra adequada para agradecer este amor de preferência.

Os nossos saíram daqui de manhãzinha. Ouvia-se o barulho na Estação enquanto esperavam o comboio. Abel foi a tomar conta. Enquanto pensava no risco e na responsabilidade de deixar tamanho lote entregue aos cuidados do Abel, eis que, o Amândio passa à minha vista debaixo da janela do meu quarto de dormir; e ele deu-me alento. Amândio é filho de um pai ilegítimo. Amândio tinha a mania e fez a sua carreira atrás das camionetes com ousadas viagens por todo o Portugal. A presença do Amândio sossegou-me. Mas há mais, ele há mais e melhor. Foi a cabeça; dores de cabeça. Com tanta violência me assaltaram naquele dia e tive de as curtir escondido num quarto que não era o meu para que ninguém desse comigo. Ora a dor não é coisa que se sente fora. A dor livra o homem de muitos perigos e também pode defender estranhos. A dor é condimento Divino. A dor é autora de grandes realizações. Ainda tinha de esperar quando eles regressaram no derradeiro comboio. Era noite. Quis saber dos mais pequeninos. — Estavam todos graças a Deus.

Mais roupas de Viseu. Mais ditas de Mirandela. Mais 250\$ de Cالدas da Saúde. Mais 20\$00 do Porto. Mais roupa de L. ur. nç. Marques. Mais 50\$00. Mai. 50\$00 do pessoal da distribuição do Comércio do Porto. Mais de Ca t. n. h. e. r. a de Pera. Mais 20\$. Mai. 20\$. Mais de dois arónimos p. la saúde dum doente. Mais 750\$00 do J. sé Vaz. Mais 70\$00 de Chave. A sua carta de 6 de Maio, digo que sim senhor; recebemos os mil.

Nó, recebemos aqui de tudo; umas apagam, outras espevitam. São des as cartas que nós p. bli. camos Nós queremos luz. O Evangelho é luz—Luz da Luz.

Pesso muita desculpa por não agora mandar mas eu fiz um tal e fizera-me muitas complicações e resolvei mandar da maneira mais pratica.

Ora sim senhor! Esta letra é da Servilha do Hotel Luz, de Leiria, que se fez assinante e hoje manda 300\$! Armaram-lhe muitas complicações nos C. T. T. e ela esc. lheu maneira de se safar.

Leiria fica perto de Aljubarrota..!

E mais nada.

Venda do Jornal

ACABO agora mesmo de ouvir os vendedores de Braga, de Guimarães e de Viana. Sobre tudo estes, Tangerina e Hélio. O artigo pedinte de sedilhos, que morava numa toca, perdido nos montes..! Ele vale a Obra. Ele vale os meus tormentos. Ele levanta o Mundo!

Ele colocou-se no meio do escriptorio e reproduziu o sermão do Senhor Padre Constantino, no Cinema da terra. Ao que ele me disse, não venderam todos os jornais à hora das missas, p. r. causa de uma missa muito grande e com muitos soldudos, segundo a informação. Que às 5 da tarde ainda ele e Tangerina, tinham muitos números por vender. Foi então que Padre Constantino, não esteve com meias medidas. Entra no Cinema, sobe ao palco. *Que padre nosso amigo*, exclama aqui o Hélio! *Como ele nos ama*, repete o informador! *O povo dava muitas palmas e no intervalo compraram-nos tudo*. O Zé Ranchinho, também é hoje pessoa aqui muito falada. Todos querem ir a Viana por sua causa. *Tangerina* informa que em Maio vem cá muita gente com muitas coisas. E disseram tanto e tanto, que eu fiquei esgotado!

Abel falando de Guimarães, informa que ando a tratar das coisas para a gente ir ali ao Cinema. Pois que trate. Eu cá vou aonde eles quizerem que eu vá.

TRIBUNA DE COIMBRA

1) Esta encomenda é para a mãe que tem os filhos doentes.

Era o dístico que acompanhou até ao nosso Lar de Coimbra uma mulher com um cesto de batatas e cebolas e feijão frade e mais. O resto Deus sabe.

2) Junto à presente, encontra-se uma nota de Esc. 20\$00, para o meu bom Padre entregar àquela Mãe que tem 8 filhos. Que DEUS se compadeça deles e de nós também.

Não é grande a quantia, por que vai para outro lado, algum, pelo amor de DEUS. Que DEUS proteja os meus filhos — 3 — que tantos eles são.

É um senhor de Vila Nova de Gaia. Pelo respeito com que ele escreve o nome de DEUS se vê a grandeza da sua alma. Tudo letras grandes. Para Deus tudo é pouco. Quem a-sim respeita até só o nome, mais deve respeitar os pobres, que são a imagem de Deus. Este senhor trilha o bom caminho.

3) Se Jesus não tivesse subido ao Céu — faz hoje anos — nós não teríamos recebido o Consolador. É Este, o divino Consolador, que manda que enviemos estes 50\$00, tirados do nosso vencimento de funcionários, para que V. possa ter a consolação de os dar à pobrezinha que o marido abandonou com 8 filhos, para ir procurar outra mulher e que precisa de estreptomicina para a filha.

Todos seremos consolados no Senhor. V. porque dá; ela porque recebe; nós porque damos. Peço ao Senhor que abençoe o Lar de uma Maria e um Luís.

Al. anena—Ascensão do Senhor—1951.

Que lição de profunda Teologia! Eu guardo cá bem dentro. Isto é a aplicação da teoria que aprendi nos bancos do Seminário. Nada fazemos de bem sem a iluminação do alto; o Consolador. E por isso três consoladelas: a do recoveiro dos pobres, a dos pobres, e a de quem dá. Já tinha pensado que isto seria pedir de mais; mas agora vejo que não. O nosso pedir é a ocasião da acção do Consolador e de toda esta doutrina.

Três consoladelas. Eu vou continuar a pedir. Não peço nada para mim. Os culpados do meu pedir é a mão escondida do primeiro, o DEUS do segundo e o Consolador do terceiro.

E veio o Sr. P.º Américo e toma cinquenta que te manda um senhor de Braga para a tua pobre da Tribuna; e chega o Sr. P.º Adriano e pega o mesmo de uma senhora de Lisboa para a tua pobre do jornal.

E agora digam-me se nos podemos calar.

P.º Horácio

Excursões

ENTRE todas quantas nos procuraram, ao domingo, quero assinalar uma que veio de Valongo, formada pela Juventude Agrária da vila, acompanhada de um sacerdote e de uma grande massa operária das minas de lousa. A Direcção of receu dois contos. J. garam a bola com o nosso grupo. Trouxeram duas regueifas—pneus. Os do nosso „Morris” são mais pequenos...

Entre o povo, tive a consolação de conversar com uma viuva ainda nova, mãe de treze filhos, doze dos quais vivos, tendo ao pé de si a mais pequenina, de seis anos. Disse-me ela que, tirante as saudades do seu marido, é muito feliz pois vive na companhia dos seus filhos e todos ganham o pão de cada dia, trabalhando em lápis de lousa. Uma outra mulher entregou-me 100\$00 duma doente daquela terra. Mais uma mãe desolada, que me entrega 67 moedas de 5 tostões, representativas de outros tantos sacrifícios que uma sua filhinha de 9 anos fez enquanto bbia outros tantos copos de leite. Bebeu o leite com natural repugnancia, por amor de Deus. Bebeu e morreu. Grande testemunha temos no céu!

Quero assinalar, devo assinalar a excursão de Valongo.

ISTO É A CASA DO GAIATO

O Moléstia injuriou-me. Foi assim: eu perdi uns documentos e chamei o Avelino para me auxiliar na procura dos ditos. Como ele nada tivesse adiantado, chamei o Júlio. Aconteceu-lhe o mesmo e eu chamei o Piolho. Começou a saber-se na Aldeia a causa de semelhante rebuliço. Chegou aos ouvidos do Moléstia. Este sem ser rogado, vem ao meu escritório e planta-se na minha frente; não chame mais ninguém que não vale a pena. Os documentos foram, pró caixote. Eu tiro de lá muita coisa boa quando vou ós selos. O Moléstia injurou-me.

Trago hoje novamente a esta coluna o Amadeu Récio. O Récio da Murtosa. Ele é a riqueza que andava perdida? Hoje é a andorinha do refeitório dos grandes, pela sua beleza no trabalho. Mas o que mais me encanta é ver o Récio uma vez por outra e no meio dos seus rapazes, tirar a chave da algibeira, abrir a porta do seu armário; tomar uma caixa que lá guarda; e enquanto todos comem ele deleita-se, descuidado, com os pequeninos tesoiros. Imediatamente a seguir fecha a sua caixa, guarda-a e prossegue nos seus trabalhos. Flor que andava perdida e talvez viesse a ser calcada se não fosse a nossa Obral! Eu da minha mesa, enquanto como o caldo, observo os graciosos movimentos do rapaz. Em mais nenhuma parte que fosse aqui, ele poderia jamais fazer isto que faz; não teria a sua caixa, não teria os seus tesoiros, não teria liberdade. Faltar-lhe ia a posse da vida e o gosto de a viver. Aqui não. Aqui têm tudo. Flor que andava perdida...

Também trago aqui hoje o Piolho; o Fernando Marques de Coimbra. Miúdo que ainda hoje é, veio para nós muito pequenino e chamavam-lhe a piasca. Depois do seu exame, foi transferido para o Lar do Porto e colocado em uma firma comercial. Júlio requisitou-o.

Ele despede-se e vem para Paço de Sousa na qualidade de auxiliar; trabalha ao lado do Júlio. Mas Piolho dá nos muitos trabalhos. É um insatisfeito. É irrequieto. Ao chegar aqui, instalou-se num quarto do andar fandeiro da casa 2, e depois de algumas semanas resolveu mudar-se para o andar cimeiro e assim percor-

reu a casa 3 e a casa 4 em repetidas mudanças. Piolho nunca está satisfeito. No escritório ocupa-se em transferências constantes. Vai ao escritório do Avelino e discute o mesmo com os rapazes impressores e compositores, tendo chegado a pontos de comer boas de alguns. Na sua gaveta costuma ter livros de grandes fantasias. De vez em quando arranja a sua doenzazinha. Mas a última, liquidou-o. Foi ontem. Ele arrumou uma côdea à face de um dos mais pequenos deixando-o muito maltratado. À noite houve um tribunal fei-roz; poucas palavras mas todas boas. Piolho ganha. Piolho recebe 150\$00 por mês e isto serviu para o castigar severamente. Foi-lhe dito solenemente, que estou aqui para o aturar, mas, por cima, pagar-lhe, isso não. Poucas palavras mas boas. Quando Piolho mudar de rumo, eu mudarei de ideias. E mais nada.

Muito mais poderia dizer, se não fosse o espaço faltar; ainda assim, não me poupo a esta: Piolho andava ultimamente com os dentes a espelhar. Ao mesmo tempo, o meu tubo de pasta, diminuía a olhos vistos! Foi-se a ver e deu certo... Era ele!

Fui ter ontem ao campo com um lote de ceifadores; era uma alegria. Notei que um deles tinha os dentes muito sujos e como lhe chamasse a atenção para isso, eis que todos os mais mostram os seus dentes. Olhe. As bocas reluziam. Eles explicam: o chefe do Cartola não presta pra nada. O nosso chefe é o Valete. O nosso chefe é que é. Ele obriga-nos todos os dias a lavar os dentes.

Esta lição dada ao mundo inteiro bem merece ser lida meditada e comungada. Eu fui o primeiro a recebê-la. Aonde está ela? Na conciliação perfeita dum chefe que obriga com a satisfação do súbdito que aceita. Ele obriga-nos. E a alegria de todos estava nos olhos de cada um. Ora isto só é possível numa obra de rapazes pelos rapazes. Fosse um estranho a obrigar que todos tomariam por um fardo as suas ordens.

Risonho não cabe em si de contente. Pois como não, se ele recebeu esta carta e já foi à venda com o relógio no pulso!

Um grupo de funcionários da Câmara Municipal do Porto, assíduos leitores do «Famoso» e conhecedores do grande anseio do «Risonho» — um relógio de pulso —, quotizou-se e adquiriu este que segue junto, rogando a V. Ex.^a o alto favor de proceder à sua entrega.

Com esta prenda, desejamos afirmar ao nosso «Risonho» a grande estima e, ao mesmo tempo, o nosso apreço pela sua qualidade de «gaiato do Padre Américo» — o seu título de nobreza! —; e esperamos que ele seja sempre digno dele e dele se orgulhe! Que seja um incentivo à sua conduta e um estímulo para o futuro.

Mas o que tem graça, é que a gente, ao ler a carta, não sabe se há mais alegria na alma do Risonho do que na dos funcionários que deram o dinheiro e compraram o relógio e colocaram-no dentro duma linda caixa e envolveram-na com papel magnífico e uma fita preciosa; e foram en-



Um carro de rodas, é a permanente tentação. Ele serve para tudo. Melhor; os rapazes de tudo se servem para o fazer andar.

tragar tudo no Espelho da Moda. Não sabemos a quem atribuir a alegria.



O Bucha fugiu ontem. Declarou à malta que estava cá há muitos anos e que nada tem adiantado e que se ia embora. Foi Bucha tem demonstrado, por mais vezes, ser um rapaz destemido. A sua entrada, em pequenino, foi, já, uma ousadia. Ele tinha seis anos e veio de Espinho até nós, sem saber caminhos!

Fugiu há dias manhazinha. Encontrei no Porto Passamos rentes. Eu disse-lhe adeus com a mão e ele parou, a olhar... De longe, volte-me e Bucha estava no mesmo sítio, a olhar...! À tarde chego a casa. A aldeia estava cheia da notícia; chegou o Bucha!



O Botas tem-se ultimamente alargado mais e os juntares de agora são de apetecer. Hoje entrei no refeitório. Eram batatas ensopadas. Recendiam. Provei as batatas e aprovei o Botas. Com grande espanto meu, noto que um dos grandes, depois de ter comido o caldo e ter à sua frente o prato das batatas, não comia. Levantei-me da mesa e fui-lhe perguntar. Que estava à espera do chefe, disse-me. Que queres tu do chefe? Não queria nada.

O Tobias, pois era ele, queria pedir mais batatas. Não tinha ainda comido, mas porque lhe cheirasse bem, queria o prato mais cheio antes de começar! Ora vejam os senhores e digam-me se isto é ou não gula da boa. Eu preguei a gula.

Quem me guarda agora o Português Suave é o Récio.

Às horas, ele tira uma corrente de chaves da algibeira. Vai a um armário e tira de lá uma caixa, aonde guarda as suas coisas.

Abre. Oferece-me um cigarro. Acende-mo. De novo o guarda, fecha a caixa, arruma e pronto. É o Récio. O Récio da Murtosa,

Hoje não resisti que não trouxesse do Porto um pequenito no Morris. Enquanto o carro se detem na Rua e ele dentro, noto que ele é um rapaz

de grande clientela. Parece que todos o conheciam. Os mais pobres, talvez da rua do pequenitos eram os que mais sentiam e retiravam-se de ao pé dele a dizer brevemente te veremos no Porto a vender o Gaiato. Chegado que fui à nossa aldeia, fiz parar o carro ao fundo da avenida para ver umas obras em curso; e fiz descer o pequenito, na mente de o apresentar aos seus colegas. Pois não foi preciso. O hospede deixa-me ficar sozinho e desata a correr a avenida acima. Quando cheguei ele estava instalado! À hora da ceia, apresenta-se no refeitório dizendo - quero comer. E comeu. Sabemos que ninguém nasce para comer, mas sem isso ninguém vive. Pelo que acabo de relatar, fiquem os senhores sabendo que hoje chegou mais um homem à nossa aldeia.

BARREDO

AQUI há tempos recebemos um quase-tardo de roupa interior de alguém de posição social. Dentro vinha uma carta acautelada e nós mandamos imediatamente proceder a meticulosa desinfecção. O caso foi, até, proposto ao médico da Casa do Gaiato. Desembaraçada deste problema, fizemos várias trouxas para fácil distribuição. Alguns picotes couberam a pobres rurais, tal a fartura e boa qualidade das roupas; outras foram entregues no Barredo, ao pé da cama dos doentes.

Tomei o Domingos comigo, por ser rapaz prometedor, e fomos pelos lugares aonde a nossa presença é estimada. Colocavamos os embrulhos sobre qualquer mesa, e retiravamos para outros sítios. Nas visitas seguintes é que veio o espanto. Tanto e tal que nenhum dos doentes visitados resistiu à tentação de mostrar. Alguns descobriam-se, esquecidos totalmente das regras do recato e da modéstia. Os olhos brilhavam de alegria. Passavam os dedos da mão pelo tecido e diziam palavras carinhosas; eu escutava silencioso a gratidão dos barredos.

Aquele alvoroço de roupa decente e lavada quer dizer que o desconforto destes infelizes é uma segunda doença que os atlige. Além de tudo o mais, falta-lhes roupa. Pois bem; mandem-nos roupa. Mesmo que tenha servido a doenças contagiosas; se formos devidamente avisados, o mal remedia-se. Do que eu mais gosto é de ouvir o interesse dos meus rapazes; eles querem saber tudo no meu regresso daquelas viagens. Eles pedem para me acompanhar nas suas horas vagas. E eles dão pequenas moedas de prata das suas economias. Eles sentem com os pobres. Nós não podemos ter cursos de religião em nossas comunicações. Não podemos ter. Os rapazes são a passar de quatro centos e os sacerdotes são três. Por isso mesmo temos de nos virar para os pobres. Temos de lhes dar gosto de servir os pobres. O amor do Próximo é semelhante ao amor de Deus.



— Ele andava ultimamente com os dentes a espelhar...